

GT42: Experiências contra-hegemônicas em Memória Social e Patrimônio Cultural

Regina Abreu, José Maria da Silva

O GT pretende reunir trabalhos que focalizem experiências contra-hegemônicas no campo da Memória Social e do Patrimônio Cultural construídas à margem e em dissonância com o neocolonialismo. A intenção é abordar propostas, caminhos e perspectivas que coloquem em cena diferentes paradigmas culturais e de outros processos civilizatórios, com seus sistemas de conhecimento e práticas de memorização que foram e são invisibilizados. Especial atenção será conferida a referências de memória coletiva e social entre populações quilombolas e indígenas, comunidades tradicionais, coletivos emergentes, coletivos de mulheres, movimentos sociais, entre outros segmentos, expressas pelos sistemas singulares de produção agrícola, de conhecimento medicinal e ambiental, de visões de mundo, de cartografias sociais, culturais e de lugares de memória, de fabulação em torno do mágico e do sagrado, de mitos e rituais. Procuraremos perceber a atualidade de formas expressivas de relacionamento com diferentes concepções de tempo e de patrimônios, onde habitam seres humanos e não humanos, nos quais são partilhadas diferentes formas de ordenação do pensamento, da memória social e da relação com a terra e o meio ambiente, como em eventos alusivos à memória de movimentos sociais, em feiras de troca de sementes crioulas, em iniciativas de hortas e farmácias comunitárias, em processos de autodemarcação territorial, em reivindicações de propriedade intelectual, entre outros.

Patrimônio e decolonialidades: As coleções de arte popular e africana do MNBA.

Autoria: Ana Teles, Danielle Maia Cruz

A presente comunicação propõe uma problematização sobre o lugar da arte popular e da arte não europeia em museus de arte no Brasil, focalizando a discussão no Museu Nacional de Belas Artes, cujo processo de aquisição das coleções de arte popular e africana ocorreu a partir da década de 1960. Essas aquisições ocorreram num contexto social e político de questionamento dos cânones artísticos ocidentais que reverberaram no campo artístico brasileiro, naquele momento, levando a transformações que motivaram a aquisição destas coleções pelo MNBA. O MNBA, cuja história é euro centrada, iniciada com a missão artística francesa, tem seu acervo caracterizado pela arte erudita. Pretende-se a partir da análise da trajetória destas coleções no MNBA, ao longo desses quase sessenta anos, discutir o significado de uma coleção de arte popular e arte africana num museu de arte erudita. Considerando que o MNBA narra a história das artes visuais brasileiras seria então de seu domínio guardar somente as artes eruditas? Que valores são engendrados com a separação ou junção de diferentes fazeres artísticos num museu que faz parte das instancias legitimadoras da arte? Muito mais do que alocar simbolicamente tais coleções a museus de arte erudita ou de arte popular interessa-nos aqui entender o que está em jogo na disputa hierárquica entre tipos de museus e tipos de fazeres artísticos. Lança-se mão para isso das discussões atuais sobre patrimônio e decolonialidade e sobre os sujeitos do fazer artístico.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

